

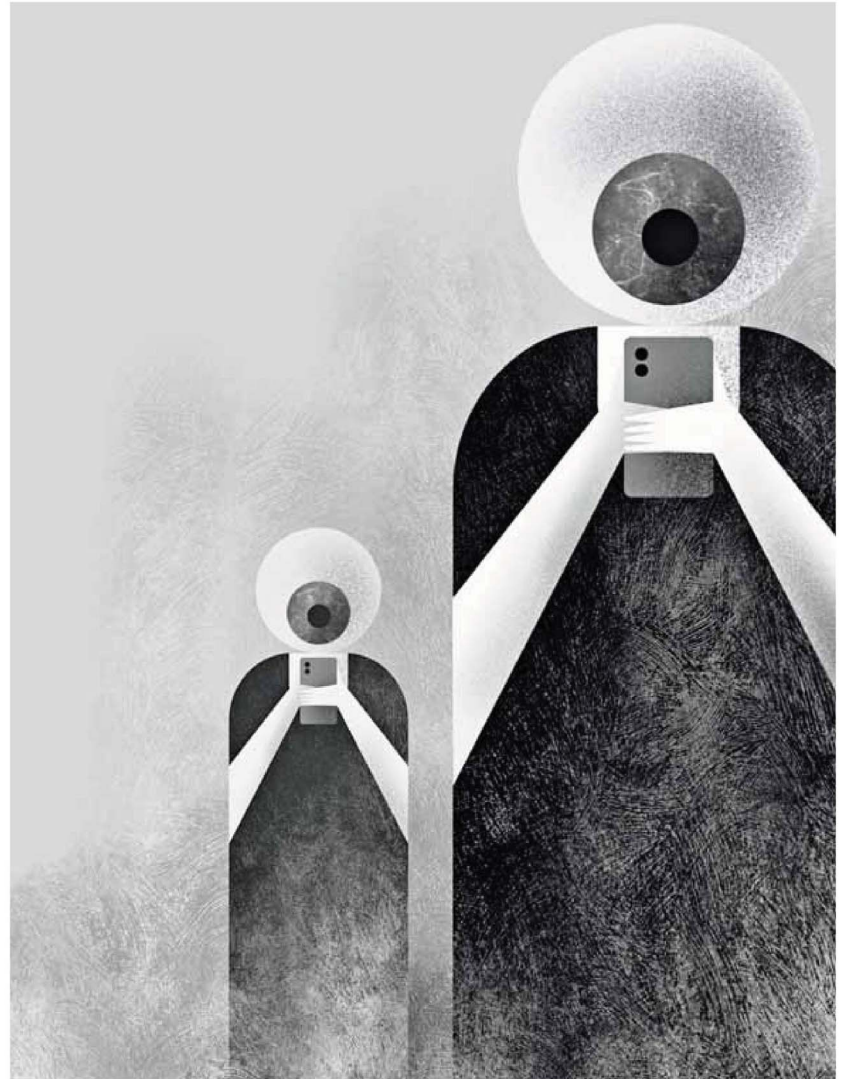
Pedro Rios

O sociólogo faz um retrato pouco animador do mundo ditado pela tecnologia e pela *performance*. Em *Otimizados e Desencontrados* pede outra Internet: sem ela, outro mundo não é possível.

Vania Baldi

Não podemos pensar que perder tempo ou o ócio sejam uma perda de tempo

”



“A garrar-abrir-olhar” para o ecrã, mesmo sem termos algo para fazer no *smartphone*. É um “tique consolidado” no quotidiano de tantos humanos de 2024 que talvez não nos apercebamos do que ele revela: como água que se molda às estruturas, a tecnologia imiscuiu-se nas nossas vidas privadas e públicas. Quase tudo foi tocado pela “revolução digital”: das relações entre pessoas aos momentos de solidão, do comércio à política, do trabalho aos momentos de ócio.

Citamos *Otimizados e Desencontrados – Ética e Crítica na Era da Inconsciência Artificial*, recente pequeno livro do sociólogo italiano Vania Baldi, 51 anos, há 15 a trabalhar em Portugal.

Não é um ludita, longe disso: tem t e l e m ó v e l e perfil no Facebook;

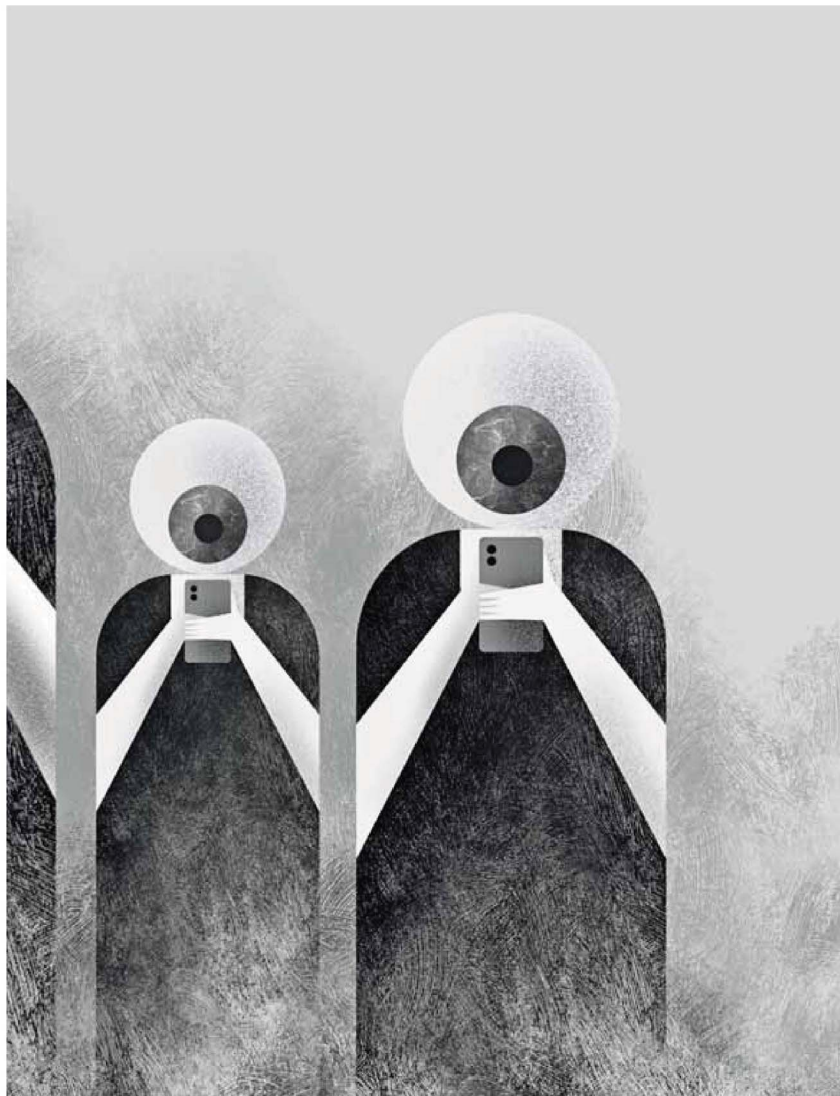
estuda há vários anos temas ligados à técnica, cruzando sociologia, filosofia e teoria da comunicação. Nos últimos anos, os seus estudos têm “reflectido periodicamente” sobre a “força disruptiva” das tecnologias digitais e do sistema de valores à sua volta. “Não é só tecnologia, mas todos os sonhos, as utopias, os valores que estão projectados nestes equipamentos”, diz ao Ipsilon numa sala do Iscte – Instituto Universitário de Lisboa, onde dá aulas.

O livro denuncia uma “convergência ideológica e operacional estratégica” entre o capitalismo moderno e as tecnologias digitais, “abrindo o caminho para a redução das relações humanas a interacções funcionais”. Mais do que a emancipação colectiva, neste estado de coisas, interessa a competição individualista e o “*problem solving*” tecnocrático (em vários aspectos da vida, incluindo no ensino superior); em vez de uma perspectiva histórica, temos a “temporalidade achatada no ‘agora’”, um “presen-

“Pensamos coisas em função da sua potencialidade *online*: ‘Este pode ser um bom *post*.’ É como se houvesse uma excitação constante: ‘*update, update, update*’”

Tem 51 anos. Não está contra a tecnologia, mas critica o que ela está a fazer às relações humanas

DANIEL ROCHA



ALICHAHGETTY IMAGES

dinâmicas típicas dos jogos noutros contextos] de toda a experiência, que é uma armadilha, um cavalo de Troia para lógicas muito neoliberais e comerciais, disfarçadas de admirável mundo novo. E também os desempenhos dos alunos, a pressa, o facilitismo e o comodismo são todos indicadores de uma ideia...

... de funcionalização? De tornar tudo meras peças na engrenagem?
Sim.

No seu diagnóstico, nada escapa a essa lógica de funcionalização ou de redução da vida aos números. Defende que um outro mundo só é possível com uma outra Internet. Como seria essa Internet?

Uma Internet menos colonizada pelas lógicas do marketing, pela concentração proprietária da infosfera, pelo extractivismo maciço de dados pessoais – da saúde à localização. Todos estes dispositivos e serviços digitais funcionam com o intuito de nos atrearem constantemente a eles.

Uma outra Internet significa que deveríamos aprender a desaprender o que aprendemos nos últimos 20 anos, que foi algo de muito viciante – pela novidade, pelo *packaging* ideológico que estava por trás, pelo aspecto de brinquedo, pela ludificação, pela sensação de gerar um reconhecimento narcísico, até no sentido bom do termo.

Essa busca de reconhecimento, que muitos de nós fazem online, é natural, é humana.

É, mas é como se perdéssemos as referências ontológicas se a Internetipar [risos]. Há uma frase do [sociólogo britânico] Anthony Giddens sobre vivermos em contextos que nos espelhem [“vivemos como que cercados de espelhos; neles procuramos a aparência de um eu socialmente valorizado”, *Modernity and Self-identity*].

Ao ler o livro lembrei-me de um outro, *A Era do Capitalismo da Vigilância*, da psicóloga social norte-americana Shoshana Zuboff. Ela indigna-se com a forma como empresas como a Alphabet (dona do Google) e a Meta (Facebook, Instagram) extraem secretamente, de maneiras cada vez mais sofisticadas, a nossa

experiência privada, através dos nossos dados, para vender anúncios e mudar os nossos comportamentos. Zuboff fala de gigantescas máquinas industriais em que os nossos dados são matéria-prima.

Zuboff tem uma perspectiva que diminui um pouco a força de resistência que, apesar de tudo, em alguns casos, nós podemos opor. Gosto de pensar que não é um movimento sem contramovimentos.

É mais optimista?

Mais do que optimista, sou realista. Sei que quem tem a faca e o queijo na mão são as *big tech*, que têm estu-

dios a trabalhar para nos amarrarmos constantemente [às tecnologias], através de estratégias gamificadas que nos fazem sentir mimados, reconhecidos.

Apesar de tudo, existem movimentos sociais que se aproveitam das tecnologias para, de alguma forma, furar [esta realidade]. É necessário politizar, com políticas públicas, o funcionamento dessas arquiteturas mediárquicas para retirar o melhor que essas tecnologias poderiam facultar e promover. Até as universidades poderiam montar projectos com cooperativas, associações, movimentos sociais que queiram utilizar tecnologia e plataformas digitais, desenhando-as para promover reflexão e uma sociabilidade que não é apenas uma interacção entre *refreshes* constantes.

Escreve um ensaio no último número da revista *Electra* (publicada pela EDP) em que pede um “*undesigning da Internet*”. Trata-se de voltar atrás no desenho da rede?

Não é voltar atrás.

Digo isto porque há 20 anos falava-se da Web 2.0, das *wikinomics*, da sabedoria das multidões, do inspirador poder dos utilizadores. Esse sonho parece longínquo. As redes sociais, com o seu *design*, favoreceram a criação de bolhas e a proliferação de conteúdo tóxico, até falso. A face da Internet mudou, vimos o seu lado mais feio.

Desde 2011, mesmo na altura mais techno-eufórica e triunfalista, eu punha o dedo numa ferida para a qual ninguém olhava. Era tudo cor-de-rosa, também porque gerou economia, inscrições em cursos universitários, promessas de sermos todos Steve Jobs. Era ingenuidade, uma romantização. [A Internet] continua a ser, para mim, uma grande revolução e uma grande promessa, mas com muitas decepções.

A crítica começou, nas ciências sociais, a tornar-se *pop* depois da Cambridge Analytica [em 2018, foi revelado que a consultora britânica usava dados dos utilizadores do Facebook em campanhas políticas em todo o mundo]. De repente, fomos do oito ao oitenta. Agora, [a crítica] é quase comum.

Mas como se pode mudar o *design da Internet*? Fala-se, por exemplo, de aumentar a transparência acerca dos algoritmos das *big tech*, de dar aos cidadãos informação sobre como eles funcionam.

Se eu quiser pôr no mercado um fármaco, há uma instituição que terá de averiguar. Estamos a dizer a mesma coisa. [As *big tech*] são grupos que intervêm em demasiados aspectos das nossas vidas. São demasiados políticos, intervêm na *polis*. Perdemos demasiado tempo [para intervir no sector] porque estávamos encantados pelo ▶

tismo” sem entusiasmo pelo futuro; sob a promessa de uma “experiência autêntica, emancipadora e rica de significado”, por via do *engagement*, entregamo-nos à aparente gratificação da vida *online*, onde reina o “eu” – da “personalização dos conteúdos” ao “*design* das redes sociais”, o foco está posto no utilizador “como indivíduo único, especial e solto dos laços comunitários”.

Baldi começa por alinhar visões críticas sobre o curso do mundo digital, das redes sociais à inteligência artificial. O sociólogo detecta mesmo um bloqueio do conhecimento, “a perda do hábito em explorar o ignoto, chocar com o imprevisível, aguentar a ambivalência, apreciar a incerteza”. Na parte final do livro, o investigador e professor universitário encontra pontos de contacto entre esta realidade mediada e acelerada pelo digital e as universidades dos nossos dias, onde “as lógicas utilitaristas do mercado” e o fomento da “cultura individualista” se insta-

laram em definitivo. “Na era digital, competitiva e global em que vivemos, os números tendem a ser impostos como a medida de todas as coisas”, escreve.

É um diagnóstico nada animador aquele que traça em *Otimizados e Desencontrados*.

Porque é que o escreveu?

É preciso desmistificar a varinha mágica da inovação tecnológica, a ideia de que uma inovação é necessariamente promissora ou emancipadora. Não questiono a importância da tecnologia, mas faço-o quando a actualização da tecnologia é vista como um *problem solving* de qualquer coisa.

Sou crítico de quem aposta numa pedagogia que se deve adaptar às tecnologias porque só dessa maneira podemos estimular [os alunos], inovar, captar interesses, atenções, financiamentos.

É importante a crítica à ludificação [ou gamificação, o uso de técnicas e



Otimizados e Desencontrados – Ética e crítica na era da inconsciência artificial
Vania Baldi
Edições Húmus





Vania Baldi no Iscte, em Lisboa, onde dá aulas

O mundo digital evita "a experiência da críspação, da fricção, do atrito, da desilusão, da frustração". E essa experiência é "pedagógica"

► brinquedo ou porque teria sido considerado autoritário, conservador ou até passadista.

Assiste-se a uma certa fadiga na relação de muitos utilizadores com a Internet. Vários estudos têm posto na ordem do dia os efeitos do seu uso desregrado na saúde mental, por exemplo.

Existe, de facto, um cansaço. Não apenas na relação com a tecnologia. É com a cultura da prestação, da visibilidade, da moral numérica, de ser empreendedor de si mesmo, de pensar em si mesmo como um falhado se não se alcança um sucesso que é considerado apenas em função de métricas. É um ecossistema cultural que tem de ser compreendido nas suas várias vertentes para podermos pensar em desautomatizar e em activar outros sistemas de sociabilidade, de intervenção na sociedade, de cuidado de si próprio, de apreciação da estética, do mundo, do silêncio.

Não temos de competir contra as notificações constantemente. Não temos de falar constantemente alto quando estamos num lugar público porque a música tem de ocupar o risco de algum silêncio. Não podemos pensar que perder tempo ou o ócio sejam uma perda de tempo. Não

podemos pensar que quem perde ou falha não ganha alguma coisa. Essa é também a gamificação, não é? É ganhar por ganhar. Não é o brincar. **Mas até o ócio, hoje, é exibido nas redes sociais: o livro que estamos a ler, o restaurante a que fomos, a praia "secreta"...** Há um design que é como um guião para a identidade ser forjada numa perspectiva de egolatria. No fundo, não se quer proporcionar uma conversa porque, se conversas, deixas de fazer *scroll*, meter "gostos", partilhar coisas. Quanto mais "esquizofrénico" se for, mais se está a corresponder às razões de estas tecnologias serem desenhadas.

Elas alteram-nos o comportamento?

Sim, alteram até as nossas expectativas e fantasias. Pensamos coisas em função da sua potencialidade *online*: "Este pode ser um bom *post*." É como se houvesse uma excitação constante: "*update, update, update*".

Há um autor [Federico Cabitza] que utiliza a expressão "esclerose epistémica": tudo se baseia na reprodução de algo previsível. Cria-se quase uma parálise da criatividade.

No livro refere que é isso que acontece com a actual inteligência artificial, que classifica como mera remistura do conhecimento já produzido, algo que é, na verdade, "inconsciência artificial".

Afirma ser "necessário recuperar o conceito de inteligência" porque "reduzir o conceito de inteligência ao de optimização funcional é também uma maneira de humilhar e reduzir os seres humanos a meros instrumentos".

A ideia é não cairmos, mais uma vez, na armadilha do mundo novo. A inteligência artificial generativa não é um oráculo, não revela uma inteligência minimamente parecida com a humana. Não podemos ter expectativas sobre um futuro distópico. Estamos numa sociedade de consumo: os robôs não vão passar férias, não vão ao centro comercial; para consumir é preciso ter pessoas que tenham crédito, portanto, trabalho.

A Internet que temos é também responsável pela ascensão dos populismos?

Há convergências: o protagonismo do *user* [utilizador] é o protagonismo do cidadão revoltado, é o protagonismo do consumidor soberano. E há também infra-estruturas tecnológicas que proporcionam a visibilidade de uma multiplicidade de "eus". Há muitos solilóquios, cada um fala para a sua tribo.

Otimizados e Desencontrados começa por este diagnóstico tecnopessimista e acaba na academia, também com uma visão crítica. De que forma os dois diagnósticos se ligam? É tecnocrítico. É tecnopolémico

também. Não chega a ser tão apocalíptico como *Terra Queimada* [de Jonathan Crary, ed. Antígona, 2023], que diz que não há reforma possível, que temos mesmo de acabar com o "complexo internético". Acho que não poderemos prescindir de arquitecturas e plataformas digitais, mas precisamos de redesenhá-las com outras finalidades. O livro é uma zanga contra um discurso que está rendido ou vendido à lógica do mercado.

Em relação à academia, o livro é uma crítica a quem pensa a educação como mais um serviço que se faz para responder às exigências de avaliação ou de mercado, como se as universidades tivessem de abandonar um papel de formação de consciências ou de competências abrangentes, devendo ser mais incubadoras de empresas, que servem só na medida em que o aluno é perspectivado como mão-de-obra, como alguém capaz de correr rapidamente, que saiba adaptar-se. Saber adaptar-se significa não estimular uma transformação. E os investigadores são constantemente avaliados pela *performance*, pelos números, pelo dinheiro.

Já antes de chegarem ao ensino superior os alunos começam a pensar na famosa empregabilidade. A ideia da universidade como um local de aprendizagem pura é hoje quase utópica?

Existem alunos [que a têm], mais em alguns cursos do que noutros, mas, sim, a lógica da empregabilidade está entranhadíssima.

Penso que o aluno ganha muito se não perder a noção do mestre, do professor, que não deve ser amigo do aluno, não é um par, não lhe deve agradar, não tem algo para vender. Mas, pelo contrário, muitas vezes, o professor é visto como alguém que deve facilitar.

Se em 2024 ainda temos uma sociedade com instituições e sistemas com alguma ética, algum respeito, alguma garantia democrática, é porque no século XX havia uma abordagem pedagógica não baseada na facilitação. É porque tivemos sistemas de ensino em que estudar era uma coisa séria, complicada, em que se podia demorar meses a reler o mesmo livro, os mesmos livros.

Quando os alunos reclamam leituras mais simples, sistemas de avaliações mais fáceis e o professor diz que não, está a ajudá-los.

O mundo "sem atrito", como lhe chama, tão definidor dos meios digitais, não deveria existir na academia?

O mundo liquidado pela desintermediação do digital faz desaparecer a experiência da críspação, da fricção, do atrito, da desilusão, da frustração; temos de ter soluções e não podemos ficar na amargura, como se não fosse pedagógica e educativa a experiência de desilusão e de amargura.